



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

APONTAMENTOS PRELIMINARES ACERCA DOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO PARTIDO POLÍTICO: um estudo das tradições marxista e weberiana.

Bruno Bruziguessi

brunobruziguessi@yahoo.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

Brasil

RESUMEN

O contexto contemporâneo traz um conjunto de questões acerca da política e, sobretudo, do principal sujeito coletivo que atua no campo da política: o partido político. Hoje restrito à atuação institucional, passa por um conjunto de questionamentos, que expressam a crise institucional que vários governos latinoamericanos passam, em especial o atual momento político do Brasil. Toda essa crise política expressa processos tanto de despolitização das sociedades, com uma descrença em relação aos partidos existentes, quanto um processo de judicialização da política – e em alguns casos de partidos políticos – por parte de um estado de viés autoritário.

Desta forma, para refletir sobre concepções de partido político, traçaremos um paralelo a partir do debate, no campo da teoria social clássica, entre os pensamentos de Karl Marx e Max Weber, acerca deste instrumento político. Com um enfoque principal nos fundamentos de uma concepção de partido político que podemos resgatar nas colossais obras destes dois dos principais pensadores sociais da modernidade.

O objetivo não se restringe a identificar a estrutura partidária que cada um pode ter apontado em suas obras, mas a concepção de atuação e organização política através do que consideramos a principal forma de inserção na dinâmica política e mesmo social de uma sociedade.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Como forma de materializar os fundamentos teóricos e sociais estabelecidos por Marx e Weber, também serão retomadas elaborações de outros dois pensadores, que materializaram aqueles fundamentos, cada um seguindo uma tradição dentro da teoria social clássica.

O primeiro deles é Robert Michels, que deu materialidade às concepções weberianas e desenvolveu uma das primeiras teorias dos partidos políticos, com um viés conservador e institucional, fortemente utilizado no campo da teoria política, a partir da obra “Os partidos políticos” – mais conhecida pelo título da edição inglesa “The sociology of political parties”.

Outro pensador, pertencente à tradição marxista, é Vladimir Ilitch Ulianov, o Lênin, que sistematizou e sedimentou uma concepção revolucionária e comunista de partido político a partir dos fundamentos teóricos de Marx. Lênin traz uma das mais inovadoras perspectivas de organização política pensada para um contexto de transformação radical de uma sociedade, que influencia o campo teórico e político marxista até os dias de hoje.

Desta forma, retomar os fundamentos da teoria social de Marx e Weber em um contexto de profundas mudanças no cenário político e social do continente americano se põe de fundamental importância, haja vista a grandeza e atualidade – mesmo que em direções radicalmente opostas – destes pensamentos, para que posamos, por um lado, entender a dinâmica política que vem se desenhando e construir alternativas para a crise que se coloca.

Palabras clave

Partido político; pensamento marxista; pensamento weberiano

ABSTRACT

The contemporary context brings a set of questions about politics and, above all, the main collective subject that acts in the field of politics: the political party. Nowadays restricted to the institutional action, it goes through a series of questions, which express the institutional crisis that several Latin American governments are experiencing, especially the current political moment in Brazil. All this political crisis expresses both the depoliticization of societies, with disbelief in relation to existing parties, and a process of judicialization of politics - and in some cases of political parties - by a state of authoritarian bias.

Thus, to reflect on conceptions of political party, we draw a parallel from the debate, in the field of classical social theory, between the thoughts of Karl Marx and Max Weber, about this political



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

instrument. With a main focus on the foundations of a political party conception that we can rescue in the colossal works of these two of the main social thinkers of modernity.

The objective is not restricted to identifying the party structure that each may have pointed out in their works, but the conception of political organization and performance through what we consider the main form of insertion in the political and even social dynamics of a society.

As a way of materializing the theoretical and social foundations established by Marx and Weber, we will also resume the elaborations of two other thinkers, who materialized those foundations, each following a tradition within classical social theory.

The first of these is Robert Michels, who gave materiality to the Weberian conceptions and developed one of the first theories of political parties, with a conservative and institutional bias, strongly used in the field of political theory, from the work "The political parties" - better known by the title of the English edition "The sociology of political parties".

Another thinker belonging to the Marxist tradition is Vladimir Ilyich Ulianov, Lenin, who systematized and sedimented a revolutionary and communist conception of a political party based on Marx's theoretical foundations. Lenin brings one of the most innovative perspectives of political organization thought to a context of radical transformation of a society that influences the Marxist theoretical and political field to the present day.

In this way, to retake the foundations of social theory of Marx and Weber in a context of deep changes in the political and social scene of the American continent is of fundamental importance, given the greatness and actuality - even in radically opposite directions - of these thoughts, so that we pose, on the one hand, to understand the political dynamics that have been drawing and to construct alternatives for the crisis that arises.

Keywords

Political party; Marxist thought; Weberian thought



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

1- INTRODUÇÃO

Karl Marx irá construir as bases de seu pensamento social, sobretudo seus aspectos filosóficos e políticos, na década de 1840. Período em que passa a criticar, de forma mais sistematizada, as concepções idealistas de Hegel, que estão em sua base de formação juvenil, e também é quando entra em contato com o movimento socialista, sobretudo o francês – mais forte até então –, e com a economia política inglesa. Permeado por isso, seu encontro com Engels, serão os elementos basilares para a formação de seu pensamento social, ou seja, uma construção de um método de análise da realidade que também é, concomitantemente, a práxis política que ensejará toda a sua trajetória. Desta forma, é nesse período que estabelecem as bases para a formação não de uma teoria política ou econômica, mas exatamente de um pensamento social; dentre os elementos que compõem isso que se convencionou chamar de materialismo histórico-dialético, destacaremos seu aspecto político – destacar não significa descolar, autonomizar, da totalidade que representa os nexos do pensamento marxiano, mas tão somente centrar uma maior atenção em um de seus elementos –, especialmente a construção dada por Marx e Engels à concepção de partido político.

Max Weber nasceu na Alemanha, em 1864, e sua atividade intelectual, como pondera Gabriel Cohn (1991, p. 9), “não é resultado de um fluxo contínuo e regular de trabalho, mas de períodos de concentração e produção extremamente intensivas”, como o primeiro deles, de 1891 a 1897 – período posterior à morte de Marx (1883) e marcado pela morte de Engels (1895). Porém, suas principais obras datam de um período de 1903 a 1919 – um ano antes de sua morte.

Assim como Marx, Weber foi um profundo estudioso de várias áreas do conhecimento, dedicou atenção a vários elementos da realidade social, fundando também um pensamento social, vasto e complexo, para além de simplesmente uma sociologia ou uma metodologia. Mas a direção da construção do pensamento de Weber é totalmente o inverso do pensamento social de Marx, como afirma, de forma categórica, Carli (2013, p. 59): “a obra de Max Weber é uma reação conservadora às revoluções proletárias e ao surgimento da teoria social marxiana”.

2- O PARTIDO POLÍTICO NA TRADIÇÃO MARXISTA



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Para entender o debate acerca do partido político em Marx, temos de passar da ruptura com o socialismo utópico, que tinha como um de seus elementos fundamentais o entendimento de uma fraqueza do movimento operário autônomo, de uma incapacidade das massas de construir uma revolução, cabendo este papel, de forma irônica posta por Lowy (2012, p. 46), “pela intervenção milagrosa de um ‘novo Cristo’, se não de um rei, ou pela mão de um punhado de conjurados”. Os utopistas defendiam que agentes externos às massas, aos proletariados, que conduziriam estes à sociedade comunista, desconsiderando completamente o processo de formação de uma consciência de classe.

Marx, em contraposição, ao construir o sentido de socialismo científico, apontará a autoemancipação do proletariado como chave para a construção de um processo revolucionário, ou seja, a libertação dos trabalhadores na sociedade capitalista só pode ser fruto do protagonismo dos próprios trabalhadores, a partir de um processo de consciência de classe determinado pela dinâmica da luta fundamental entre as classes sociais antagônicas e pela correlação de forças conjunturais em cada momento histórico. Ao defender a autoemancipação dos trabalhadores, também afirma a essência prática da consciência, ou seja, esse processo de conscientização, de reconhecimento enquanto sujeito ativo da história não vem de fora da classe trabalhadora, não vem do “alto”, como uma idéia que cai do céu, mas surge da própria ação dos trabalhadores, inseridos na dinâmica de exploração e, ao mesmo tempo, de luta por seus interesses, que vão sendo compreendidos como coletivos no acirramento dessas lutas.

Desta forma, ao acompanhar a revolta dos trabalhadores da Silésia – província da Alemanha –, em 1844, Marx observa que essa consciência é fruto da ação dos trabalhadores, quando aponta que

o proletariado proclama, de modo claro, cortante, implacável e poderoso, o seu antagonismo com a sociedade da propriedade privada. A revolta silesiana começa exatamente lá onde terminam as revoltas dos trabalhadores franceses e ingleses, isto é, na consciência daquilo que é a essência do proletariado. A própria ação traz esse caráter superior (MARX, 2010, p. 68).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Forma-se uma consciência do antagonismo de classe, de uma exploração que nasce da estrutura da sociedade, que só é possível a partir da luta do proletariado contra essa condição. Essa ação que leva à consciência, à elevação do nível de consciência, ou seja, a dimensão da transformação da sociedade, da revolução social como única forma de solução, para além das resoluções políticas – sempre restritas ao limite das ações do Estado, que é, por si só, uma expressão dessa dominação estrutural de classe¹. A partir da experiência concreta que se funda o socialismo enquanto práxis social, não pura abstração, nem voluntarismo e ativismo, mas fundada a partir da prática revolucionária.

A categoria da prática revolucionária é o *fundamento teórico* da concepção marxista da autoemancipação do proletariado pela revolução. A coincidência entre mudança das circunstâncias e dos homens significa que, durante sua luta contra o estado de coisas existente, o proletariado transforma-se, desenvolve sua consciência e torna-se capaz de construir uma nova sociedade; esse processo atinge seu ponto culminante no momento da revolução, durante a qual as grandes massas “mudam” e ao mesmo tempo tomam consciência de seu papel ao mudar as circunstâncias por sua ação (LOWY, 2012, p. 145).

Essa síntese apontada por Lowy (2012) caracteriza o momento da superação de Marx em relação ao hegelianismo de esquerda e também ao socialismo utópico, que tem como símbolo de momento a escrita d'*A Ideologia Alemã*, entre 1845-46, base definitiva da formulação de sua filosofia da práxis. Estabelecendo definitivamente os nexos entre teoria e prática, entre realidade concreta – circunstâncias – e a consciência dos homens, mediada pela ação desses homens, inseridos nessa realidade.

Desta maneira, o que passamos a entender como filosofia da práxis, ou materialismo histórico-dialético, se fundamenta na relação do homem com a natureza, na essência fundamentalmente prático-concreta da vida social, da teoria, da consciência, pois “para Marx, a sociedade burguesa é uma *totalidade concreta*. Não é um ‘todo’ constituído por ‘partes’ funcionalmente integradas” (NETTO, 2011, p. 56).

¹ “com o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial a burguesia conquistou, finalmente, o domínio político exclusivo no Estado representativo moderno. O poder do Estado moderno não passa de um comitê que administra os negócios comuns da classe burguesa como um todo” (MARX; ENGELS, 2008, p. 11-12).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Essa dimensão de concreticidade e de totalidade são fundamentais para o entendimento da teoria da revolução construída por Marx, não só para a leitura da realidade concreta e de todos os seus determinantes enquanto elementos de mútua e constante determinação, pois “a totalidade concreta e articulada que é a sociedade burguesa é uma *totalidade dinâmica* – seu movimento resulta do caráter *contraditório* de *todas* as totalidades que compõem a totalidade inclusiva e macroscópica” (NETTO, 2011, p. 57), mas, sobretudo, na construção do sentido do comunismo que foi construído a partir d’*A Ideologia Alemã*, quando distam que: “o comunismo não é para nós um *estado de coisas* que deva ser estabelecido, um ideal pelo qual a realidade [terá] de se regular. Chamamos de comunismo ao movimento *real* que supera o atual estado de coisas” (MARX; ENGELS, 2009, p. 52).

Já no que diz respeito a uma “consciência comunista”, Marx e Engels (2009) ao exporem o processo de formação das classes sociais sob a égide do modo de produzir propriamente capitalista, especificamente a formação do proletariado – que detém somente sua força de trabalho –, apontam que é a classe que produz toda a riqueza da sociedade sem gozar das vantagens desse processo, exprimindo um antagonismo fundamental com o pólo que se apropria dos meios de produção, a burguesia. Assim, os trabalhadores são “a maioria de todos os membros da sociedade e da qual deriva a consciência sobre a necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista” (MARX; ENGELS, 2009, p. 56).

Essa “consciência sobre a necessidade de uma revolução radical” exprime os vários níveis que se tem para a construção de uma consciência de classe, sobretudo da classe trabalhadora. Processo que se inicia desde o processo de exploração, mas só é possível com as lutas destes por melhores condições de vida. Nesse desenvolvimento, a elevação do nível de consciência vai clareando, desvelando o que está sob o véu da ideologia, como a própria dimensão da exploração concreta do trabalhador, a origem de sua condição paupérrima, e mais que isso, compreendendo quem é o inimigo de classe, que este processo de exploração não é um elemento puramente moral, pessoal, mas sistêmico, própria de relações sociais estabelecidas socialmente e que a resolução disso não se limita à própria lógica do capitalismo, mas a necessidade da revolução social e a construção de outra sociabilidade.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Assim, além dos distintos movimentos econômicos dos operários, surgem em todos os lugares movimentos políticos, isto é, movimentos de classe, com o objetivo de impor os seus interesses de forma geral, de uma forma que possui força coercitiva social geral. Se bem que estes movimentos pressupõem certo grau de organização prévia, em compensação eles igualmente significam meios de desenvolver essa organização (MARX apud IANNI, 1988, p. 46).

Lowy (2012) aponta que é no período de 1846-48 que Marx, junto com Engels, irão se dedicar mais direta e sistematicamente às questões da organização política do movimento socialista, no esforço de dar-lhe o estatuto científico necessário, exorcizando-o das concepções utopistas e no esforço de construção de uma unidade internacional dos trabalhadores, superando os modelos organizativos que existiam até então. O primeiro embrião de um partido nesse sentido de construção marxiana talvez tenha sido a Liga dos Comunistas, que substituiu a Liga dos Justos e montou sua direção em Londres, sendo a efetivação da participação de Marx e Engels na Liga só se deu em junho de 1847.

Também é Lowy (2012, p. 175) que nos traz as pistas do caráter da Liga dos Comunistas: 1) superar a contradição entre as particularidades do comunismo alemão e o internacionalismo da luta proletária; 2) superar também a contradição das tradições das organizações conspiratórias, de um lado, e de propaganda pacífica, de outro lado, formando assim uma organização de novo tipo; 3) reunir, sob uma mesma organização, “a vanguarda comunista da intelligentsia e da classe operária”.

Outro ponto fundamental, que em certa medida retoma questões, sob bases diferentes, do socialismo utopista, são as relações que devem ser estabelecidas entre os comunistas – aqueles próximos às elaborações da Liga dos Comunistas – e o movimento operário – por exemplo, os cartistas ingleses – e, conseqüentemente, entre o partido comunista e o partido proletário.

Esse é um dos pontos tratados no *Manifesto do Partido Comunista* – escrito e publicado em 1848 –, quando Marx e Engels (2008, p. 30-31) afirmam que

os comunistas não constituem um partido especial, separado dos demais partidos operários. Não tem interesses distintos dos interesses do proletariado em seu conjunto. Não defendem princípios particulares, com os quais queiram moldar o movimento proletário. Os comunistas se diferenciam dos demais partidos proletários apenas porque eles, por um lado, salientam e põem em prática os interesses de todo o proletariado em todas as lutas nacionais



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dos proletários, independentemente de sua nacionalidade; por outro lado, porque, em todas as etapas da luta do proletariado contra a burguesia, defendem sempre os interesses do conjunto do movimento. Os comunistas são, na prática, a parcela mais decidida e mais avançada dos partidos operários de cada país; eles compreendem teoricamente, adiante da massa de proletários, as condições, a evolução e os resultados mais gerais do movimento proletário. O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo dos demais partidos proletários: a constituição do proletariado em classe, a derrubada do domínio da burguesia, a conquista do poder político pelo proletariado.

Essa reflexão dos fundadores da filosofia de práxis é bem definitiva em um conjunto de aspectos: primeiro, a unidade entre comunistas e a massa proletária, definitivamente – se ainda existia alguma dúvida – estabelecendo a posição de classe, os interesses de classe desses sujeitos; segundo, compreendendo que há uma composição, na dinâmica das lutas de classes, orgânica de comunistas e proletários sob uma mesma organização, um mesmo partido e não a existência de dois partidos separados; terceiro – relacionado ao segundo ponto –, o que há é uma diferenciação, dentro do que poderia ser uma estrutura compósita, entre a forma de compreensão das lutas de cada segmento e até mesmo o papel a ser cumprido por cada um destes.

Destes apontamentos que fazemos, é importante reforçar que essa forma de unidade e composição entre comunistas e proletários não representa, como em algumas vertentes do socialismo utópico – em especial o babouvismo –, a existência de uma elite esclarecida de conspiradores que está localizada acima das massas proletárias, mas deve ficar claro que os níveis de consciência estão em patamares diferentes entre os trabalhadores, sendo alguns inseridos em uma noção mais imediata e outros já compreendendo a necessidade da revolução, a “consciência comunista”. Essa heterogeneidade do nível de consciência será aprofundada e melhor visualizada nos escritos políticos de Vladimir Ilitch Ulianov, o Lênin.

Nessa mesma direção, Lênin (2010) faz a diferenciação entre organização de operários e a organização de revolucionários; sendo a primeira responsável por centralizar a luta econômica, como são os sindicatos, e a segunda responsável por estabelecer a luta política, como seria o partido, juntamente com o conjunto dos operários. Desta forma estabelece que

a organização dos operários deve ser, em primeiro lugar, sindical; em segundo lugar, o mais ampla possível; em terceiro lugar, deve ser o menos clandestina possível (aqui e mais



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

adiante refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Ao contrário, a organização dos revolucionários deve englobar, antes de tudo e sobretudo, homens cuja profissão seja a atividade revolucionária (por isso, falo de uma organização de *revolucionários*, pensando nos revolucionários social-democratas). Diante dessa característica geral dos membros de tal organização, *deve desaparecer por completo toda distinção entre operários e intelectuais*, que vale, ainda mais, para a distinção entre as diversas profissões de uns e de outros. Necessariamente, tal organização não deve ser muito extensa e é preciso que seja o mais clandestina possível (LÊNIN, 2010, p. 181).

Outro aspecto fundamental nas elaborações de Lênin (2010) será a distinção entre lutas espontâneas e lutas revolucionárias, pois são as últimas que podem estabelecer uma estratégia, uma direção, para o fim da sociedade de classes, mas para isso seria necessário o partido político, como instrumento privilegiado de politização das lutas sociais, rompendo com elementos espontâneos, sem um direcionamento estratégico.

Assim, o partido é o mediador universalizante entre as demandas imediatas, econômicas, aquelas que podem ser resolvidas dentro da dinâmica capitalista de produção, e a luta política, entendida como a estratégia fundamental de transformar a sociedade, apontando a insuficiência das demandas econômicas com fim em si mesmas, colocando como centro das ações o antagonismo inconciliável entre as classes.

Desta forma, Lowy (2012, p. 189), baseado nos estudos que fez acerca do desenvolvimento da teoria da revolução em Marx, afirma que

o partido comunista é, portanto, o representante dos interesses históricos do proletariado internacional, isto é, da *totalidade*. Perante cada movimento parcial, puramente local ou nacional, ideologicamente confuso, estritamente reivindicativo, não consciente das finalidades últimas da luta de classes, ele desempenha o papel decisivo de *mediador dessa totalidade*.

Assim, a concepção de partido em Lênin busca os fundamentos no pensamento político de Marx e Engels, dando uma estrutura, uma forma específica, de acordo com a realidade concreta em que se deparou na Rússia de princípio do século XX e, ao mesmo tempo, em um contexto internacional de luta e organização dos trabalhadores igualmente diferente da realidade da Europa ocidental de meados do século XIX.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

3- O PARTIDO POLÍTICO NA TRADIÇÃO WEBERIANA

O aspecto político da análise de Weber está ancorada na questão do poder, em sua expressão na estrutura do Estado, elaborando acerca das diferentes formas de dominação e a consequente legitimidade que estas formas podem ter. Dominação para este autor se referencia à “possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria, pode apresentar-se nas formas mais diversas” (2004, p. 188). Assim, faz-se necessário retomar os três tipos puros de dominação legítima elaborado por esse pensador alemão, entendendo-as como elementos fundamentais de seu pensamento político.

A primeira é a chamada dominação tradicional, que tem como seu tipo mais puro a dominação patriarcal, baseada na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais, tendo um caráter comunitário. A legitimidade dessa forma de dominação se dava pela fidelidade dos servos, baseada nas tradições, cuja violação destas representaria uma traição ao senhor. Dessa forma, o “direito” de exercer a dominação era algo naturalizado, válido desde sempre, e absolutamente compatível com determinados sistemas econômicos, como, por exemplo, o feudalismo. A estrutura patriarcal tinha como centro gravitacional a figura do senhor, o “pai” da comunidade, gerando relações de dependência pessoal, com um núcleo de poder formado por amigos e familiares, vinculados pela fidelidade.

A segunda forma é a dominação legal, que a dominação burocrática como seu tipo mais puro. A idéia geral é que toda forma de associação para exercício do poder sob essa forma de dominação deve ser eleita ou nomeada de acordo com normas que serão sancionadas. Assim, há uma legalidade que é formulada a partir da racionalidade dos homens e o sujeito ou grupo que exercerá o poder deverá corresponder a um conjunto de competências que não são de veio pessoal, mas que corresponda às necessidades concretas daquele ordenamento político. A dominação será exercida por funcionários profissionais, formados em determinado ofício, remunerados e que devem seguir regras pré-estabelecidas. A estrutura burocrática de dominação é a forma política típica das



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sociedades modernas, ou seja, que corresponde com o modelo de desenvolvimento econômico capitalista.

Correspondem naturalmente ao tipo da dominação “legal” não apenas a estrutura moderna do Estado e do município, mas também a relação de domínio numa empresa capitalista privada, numa associação com fins utilitários ou numa união de qualquer outra natureza que disponha de um quadro administrativo numeroso e hierarquicamente articulado (WEBER, 1991, p. 129).

Por fim, a dominação carismática, que tem como tipos mais puros a “dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo”; expressando-se por uma devoção afetiva à uma pessoa, seja pelo seu heroísmo, por capacidades tidas como mágicas, pela sua capacidade intelectual ou de oratória. Essa dominação é exercida por um líder, que alcança essa condição por algumas destas características, “qualidades excepcionais”, sendo sua legitimidade garantida através do prestígio que essa figura goza frente aos “apóstolos”, como são denominados por Weber (1991) seus seguidores.

Weber (1972, p. 79) aponta que “desde que existem os Estados constitucionais e mesmo desde que existem as democracias, o ‘demagogo’ tem sido o chefe político típico do Ocidente” e o instrumento fundamental desses líderes carismáticos é o discurso “e numa proporção perturbadora, se pensarmos nos discursos eleitorais que o candidato moderno está obrigado a pronunciar” (WEBER, 1972, p. 80).

A análise do fenômeno partidário em Weber remete ao período medieval, restrito à nobreza, que compunha o corpo diretivo do organismo; mas o desenvolvimento dessa estrutura política seguirá, para o próprio autor, uma diretriz fundamental:

A existência de chefes e seguidores que, enquanto elementos ativos, buscam recrutar, livremente, militantes e, por outro lado, a existência de um corpo eleitoral passivo constituem condições indispensáveis à existência de qualquer partido político. A estrutura mesma dos partidos pode, entretanto, variar (WEBER, 1972, p. 84).

Assim, estabelece condições fundamentais para a existência de um partido político, porém, sempre em seus apontamentos, ligado ao fenômeno eleitoral, às disputas por espaço dentro da administração do Estado, sobretudo no parlamento, uma vez que assenta boa parte de suas análises



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

no surgimento dos partidos políticos na Inglaterra. Por terem um viés eleitoral e assim a vida política efervescia nesses períodos, o caráter dos partidos era de “agrupamento de homens de projeção” (WEBER, 1972, p. 87), com pouca coesão interna, restritos às localidades, sem unidade programática e com uma divisão interna entre os parlamentares que eram eleitos e os chamados “homens de prol”, pessoas que gozavam de prestígio junto à comunidade e dirigiam a organização, mesmo não tendo a atividade política como atividade social prioritária, uma vez que não havia nenhum tipo – ou muito poucos – de remuneração a estes sujeitos, ou seja, não havia uma dedicação exclusiva à atividade partidária, um profissionalismo político.

A esse estado idílico de dominação dos homens de prol e, sobretudo, de dominação dos parlamentares opõe-se, em nossa época e da maneira mais radical, a estrutura e a organização moderna dos partidos. Esse novo estado de coisas é filho da democracia, do sufrágio universal, da necessidade de recrutar e organizar as massas, da evolução dos partidos no sentido de uma unificação cada vez mais rígida no topo e no sentido de uma disciplina cada vez severa nos diversos escalões. Assistimos, presentemente, à decadência do domínio dos homens de prol, assim como de uma política dirigida apenas em termos dos parlamentares. Os indivíduos que fazem da atividade política a profissão principal retomam a direção da empresa política, mantendo-se embora afastados do parlamento (WEBER, 1972, p. 88).

Weber destaca, nesse fragmento, a mudança do caráter dos partidos políticos, com destaque para uma mudança conjuntural importante, a instauração do sufrágio universal nos países, sobretudo, da Europa ocidental e, por outro lado, uma lógica mais “profissional” de organização partidária, de disciplina interna e uma definição programática que passe por militantes profissionais, dedicados à organização. A figura de direção nesses partidos modernos serão os “chefes”, que substituem os homens de prol e diminuem o poder de influência dos parlamentares, caracterizando-se como a figura de demagogia e garantidor de vantagens e posições aos demais membros do partido.

Porém, há um movimento de burocratização, de racionalização das estruturas de poder, que vão rompendo com o traço tradicional, patriarcal e patrimonialista dos Estados ocidentais, dando lugar a uma administração legalista. Carli (2013, p. 153), entretanto, destaca que diferente desses dois modelos de dominação, o carismático transcende as transformações histórico-sociais, no



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

entendimento de Weber, uma vez que o pensador alemão entendia que “burocracia e carisma são elementos de um antagonismo irresoluto. Não se resolvem; ao contrário, opõem-se”.

Carli (2013) destaca que a esfera do carisma, para Weber, seria a esfera da possibilidade de transformação social, enquanto a burocracia seria a da continuidade. Assim, ao desenvolver suas reflexões, o pensador alemão aponta sempre para a vitória do racional frente ao irracional, ou seja, a vitória da continuidade frente às possibilidades de transformação social.

Enquanto a ordem burocrática se limita a substituir a crença na santidade daquilo que existe desde sempre, nas normas da tradição, pela sujeição a regras estatuídas para determinado fim e pelo saber de que estas, desde que se tenha poder para isto, podem ser trocadas por outras regras com determinado fim, não sendo, portanto, nenhuma coisa “sagrada”, o carisma, em suas formas de manifestação supremas, rompe todas as regras e toda a tradição e mesmo inverte todos os conceitos de santidades. Em vez da piedade diante dos costumes antiquíssimos e por isso sagrados, exige o carisma a sujeição íntima ao nunca visto, absolutamente singular, e portanto divino. **Neste sentido puramente empírico e não-valorativo, é o carisma, de fato, o poder revolucionário especificamente “criador” da história** (WEBER, 2004, p. 328) (grifos meus).

Dessa forma, Weber considera a dominação carismática algo completamente diferente da dominação tradicional e da burocrática, por não considerá-la algo que componha a vida cotidiana, uma vez que o líder carismático tem uma missão que transcende a estruturação da sociedade, uma vez que visa sua transformação. Essa amarração feita pelo pensador alemão leva a um conjunto de processos que farão com que a forma de dominação que irá se legitimar sob a égide do capitalismo, o Estado racional, se choque com a estrutura de dominação carismática dos chefes dos partidos, como também a democratização que acompanha esse processo fará com que os partidos políticos – que em seu pensamento estão cada vez envolvidos à lógica puramente eleitoral – passem a compor o aparelho burocrático do Estado, tornando-se aparatos igualmente regulados pelo estatuto racional, diminuindo, dessa forma, a capacidade transformadora e, o que dá no mesmo, revolucionária dos chefes carismáticos, dirigentes dos partidos políticos. Assim, “o carisma transformando as normas é comum nas sociedades tradicionais pois, na modernidade, a intuição carismática é asfixiada pela tecnocracia; ou, o que significa a mesma coisa na pena weberiana, a transformação é asfixiada pela continuidade” (CARLI, 2013, p. 154).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nessa altura, o pensamento weberiano, que dedica a análise partidária muito ancorada em partidos elitistas e situa os primeiros partidos modernos como próprios da burguesia, também, e talvez especialmente, aponta para a burocratização dos partidos de esquerda, socialistas e comunistas, como se refere ao PSD alemão e ao movimento insurrecional desencadeado na Rússia em 1905. Assim, aponta a vitória definitiva do capitalismo sobre a “fé otimista” e utópica da transformação social.

Acerca da teoria dos partidos políticos, Carli (2013, p. 155-156) faz importante síntese:

[...] nas instâncias de organização partidária, o choque entre o líder carismático e a estrutura burocrática é perpétua, segundo Weber. Em uma democracia de massas, o chefe carismático seria necessário para se produzir nelas o efeito emocional que conduz à vitória eleitoral. Por outro lado, a racionalização metódica do aparato partidário deteria a inevitabilidade demarcada por Weber em tantas ocasiões. A formação de uma casta de dirigentes burocráticos, de uma “federação de nobres” é uma tendência geral que Weber encontra em todos os partidos que começaram como “séquitos carismáticos de pretendentes legítimos ou cesaristas ou de demagogos no estilo de um Péricles, Cleon ou Lassalle”.

Como caudatário dos ensinamentos de Weber, Robert Michels elabora sua sociologia dos partidos políticos reafirmando um conjunto de pontos construídos pelo mentor, com especial atenção à burocratização dos partidos como fenômeno irreversível do desenvolvimento capitalista.

Na elaboração do alemão radicado na Itália, há uma confluência entre a impossibilidade de um autogoverno das massas, ou seja, o exercício da democracia de massas se torna inviável, uma vez que a existência de uma organização, necessariamente leva a uma divisão entre dirigentes e dirigidos, entre os chefes do partido e a massa que segue seus direcionamentos.

Quem diz organização, diz tendência para oligarquia. Em cada organização, quer se trate de um partido, de uma união de ofícios, etc., a tendência aristocrática manifesta-se de forma bastante pronunciada. O mecanismo da organização, ao mesmo tempo que dá a esta uma estrutura sólida, provoca graves modificações na massa organizada. Ele inverte completamente as respectivas posições dos chefes e das massas. A organização tem como efeito dividir todo partido ou todo sindicato profissional numa minoria dirigente e numa maioria dirigida (MICHELS, s/d, p. 15).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quanto mais complexas se tornam as organizações, seja um Estado democrático ou um partido político, maior o número de membros no corpo organizativo, levando à formação de comitês internos, instâncias administrativas que farão com que a “máquina” funcione. Esse seria o fenômeno racional, própria dos Estados democráticos, mas que para Michels (s/d) levaria a uma restrição cada vez maior da direção vinda diretamente das massas, enraizando a lógica de uma minoria dirigente para que a organização funcione.

Michels levou sua teoria elitista dos partidos políticos para analisar as organizações dos trabalhadores, como o próprio PSD alemão e o partido socialista italiano, nas primeiras décadas do século XX. Indicando que essa tendência de formação de uma “lei férreas da oligarquia” seria própria das organizações modernas, mas que, sobretudo, revestem a crítica à essas organizações que apontavam no sentido de uma transformação da sociedade.

Aliando-se a isso, Michels (s/d) reforça a teoria da impossibilidade de autogoverno das massas por considerar que estas estão em um “estado amorfo” e em estar desorganizadas são incapazes política e ideologicamente de criar uma vontade coletiva suficiente para incidir nas disputas políticas, expressando, dessa forma, sua necessidade de ser dirigida.

Assim, no rescaldo da teoria weberiana, bem como fez seu mentor, Michels centra críticas às experiências de organização política dos trabalhadores e as possibilidades de transformação social, estabelecendo que a massa sempre será manipulada por um pequeno grupo que se enraíza na direção política.

4- APONTAMENTOS FINAIS

Esse trabalho não teve a intenção de concluir os apontamentos acerca do debate dos partidos políticos em duas das grandes tradições do pensamento social: marxista e weberiana; mas de fomentar estes debates e trazê-los para a contemporaneidade, sob a ótica dos novos tempos, sobretudo em um momento histórico de expansão do conservadorismo no continente latinoamericano, que encontram ressonância nas formas de organização política, sobretudo das



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

elites e camadas médias, e também no discurso de negação da política, em geral, e dos partidos políticos em particular.

As análises construídas pelos fundadores das duas tradições acerca do fenômeno partidário são muito distintas. Começando pelo ponto de vista político-ideológico, que por si só já coloca as análises em campos absolutamente antagônicos: Marx a partir do proletariado nascente no século XIX; Weber a partir da classe em que fazia parte, no caso a burguesia.

Outro aspecto é o momento histórico em que cada um viveu e o envolvimento que tiveram com suas classes correspondentes: Marx presenciou a formação da classe operária européia, as primeiras formas de organização dos trabalhadores, a formação da consciência crítica desses sujeitos, seguido das revoluções de 1848-51, posteriormente a Comuna de Paris, em 1871. Entre essas insuflações sociais, participa da fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (1868) e vê a fundação do primeiro partido de massas da história: o Partido Social-Democrata alemão (PSD), em 1869.

Já Weber pode acompanhar a expansão do PSD, a massificação do movimento socialista e sua organização eminentemente política, que se desdobrou na fundação da Internacional Socialista, em 1889, e na conquista do sufrágio universal, o que levou a transformações na dinâmica de organização política dos trabalhadores e nas transformações no próprio Estado, além, e fundamentalmente, do período de consolidação do capitalismo monopolista nos países centrais.

Estes são aspectos que não devem ser deixados de lado ao adentrar os estudos e análises das obras destes dois pensadores, definidores de modos de viver e de pensar totalmente diferentes, mas que igualmente marcam a modernidade.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLI, Ranieri. *Gyorgy Lukács e as raízes históricas da sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

IANNI, Octávio. *Dialética e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

LÊNIN, Vladimir. *Que fazer?* Problemas candentes de nosso movimento. São Paulo: Expressão Popular, 2010.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- LOWY, Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. *Glosas críticas marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social". De um prussiano*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MICHELS, Robert. *Os partidos políticos*. São Paulo: Senzala, s/d.
- NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 2. Brasília: Editora UnB/ São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.
- WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (Org.) *Weber/ Sociologia*. São Paulo: Ática, 1991.